

A paisagem mortuária romana e suas relações familiares sob a ótica de Sêneca (62 d.C.)

The Roman mortuary landscape and its family relationships from the perspective of Seneca (AD 62)

Luciane Munhoz de Omena*
Dyeenmes Procópio de Carvalho**

Resumo: A sociedade romana comungava práticas de sepultamentos que se destinavam ao respeito aos mortos e à perpetuação de seus nomes na paisagem sagrada das necrópoles. Construídas nas vias de acesso das cidades, podemos percorrer, ainda, hoje, inúmeros sítios arqueológicos que apresentavam os visitantes com estruturas monumentais de sepulturas, as quais relacionam-se aos diferentes interesses e práticas sociais. Com isso em mente, este artigo tem como objetivo compreender as práticas mortuárias e suas relações com a memória a partir da paisagem funerária e das relações familiares no *lógos* filosófico de Lúcio Aneu Sêneca. Em diálogo com os vestígios materiais, pretende-se investigar o impacto da morte na corte neroniana à época de 62 d.C. A partir daí, serão traçadas reflexões acerca dos comportamentos aristocráticos em relação à família e ao luto e, dessa forma, ao analisar a prática da *uirtus*, compreender-se-á a criação de normas de condutas para a expressão pública da dor e a inserção de dimensões mais particulares e emocionais no modo como se lembravam dos mortos sob a perspectiva de Sêneca.

Abstract: The Roman society shared burial practices aimed at respecting the deceased and perpetuating their names in the sacred landscape of necropolises. Built along the city's access roads, today we can still explore numerous archaeological sites that gift visitors with monumental burial structures, which are related to various social interests and practices. This article aims to understand representations of death and its relations with the memory from mortuary landscape and its family relationships in the philosophical *logos* of Lucius Annaeus Seneca by examining the impact representations of death in the Neron court at the time of AD 62. From there, we will make some critical reflections on the aristocratic behaviours regarding to the family and the mourning, thus, by analysing the practice of *uirtus*, we wil understand the creation of behavioural rules to the public expression of pain and the insertion of more particular and emotional dimensions in the way they reminded of the dead from the perspective of Seneca.

Palavras-chave:

Paisagem mortuária.
Família.
Sêneca.
Roma.

Keywords:

Mortuary landscape.
Family.
Seneca.
Rome.

Recebido em: 17/09/2023
Aprovado em: 20/10/2023

* Professora Associada IV de História Antiga da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG). Possui pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) sob supervisão do Prof. Dr. Pedro P. A. Funari. Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir). Atualmente, executa o projeto intitulado "Morte e memória no Império Romano à época do Principado romano (27 a.C. a 192 d. C.)"

** Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) sob orientação da Profa. Dra. Luciane Munhoz de Omena. Mestre em História pela mesma instituição. Bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Assim são os *monimenta*, memoriais, que estão nas tumbas, também ao longo da estrada, para que admoestem, lembrem, os passantes que também eles são mortais. Assim, outras coisas são escritas e feitas para preservar a memória, por isso, são chamados *monimenta*, monumentos, memoriais (Varrão, *De lingua Latina*, 51, 6, 49).¹

Varrão sugere que a morte devia ser lembrada. Tal ênfase indica que a sociedade romana comungava práticas de sepultamentos que se destinavam ao respeito aos mortos e à perpetuação de seus nomes na paisagem sagrada das necrópoles. Construídas nas vias de acesso das cidades, podemos percorrer, ainda, hoje, inúmeros sítios arqueológicos, como, por exemplo, em Roma, Óstia, Pompeia, entre tantos outros do Mediterrâneo romano, que presenteiam os visitantes com estruturas monumentais de sepulturas. Os museus europeus, estadunidenses e orientais expõem peças e fragmentos de testemunhos mortuários em suas instalações. Um exemplo a ser mencionado são os Museus do Capitolino, localizados em Roma, que congregam, em seus palácios, importantes vestígios, como urnas, sarcófagos, estelas e altares funerários. Muitos deles apresentam datações e origem, porém, em outros casos, veem-se fragmentos acondicionados nas paredes dos palácios. Transformaram-se em peças de decorações ou, na pior das hipóteses, fadados a espaços sem visibilidade e sem tratamento, tal como fazemos, muitas vezes, em nossas residências, ao guardarmos objetos que tiveram significados, contudo, passados os anos, se tornaram obsoletos, convertendo-se em objetos destinados à invisibilidade social.²

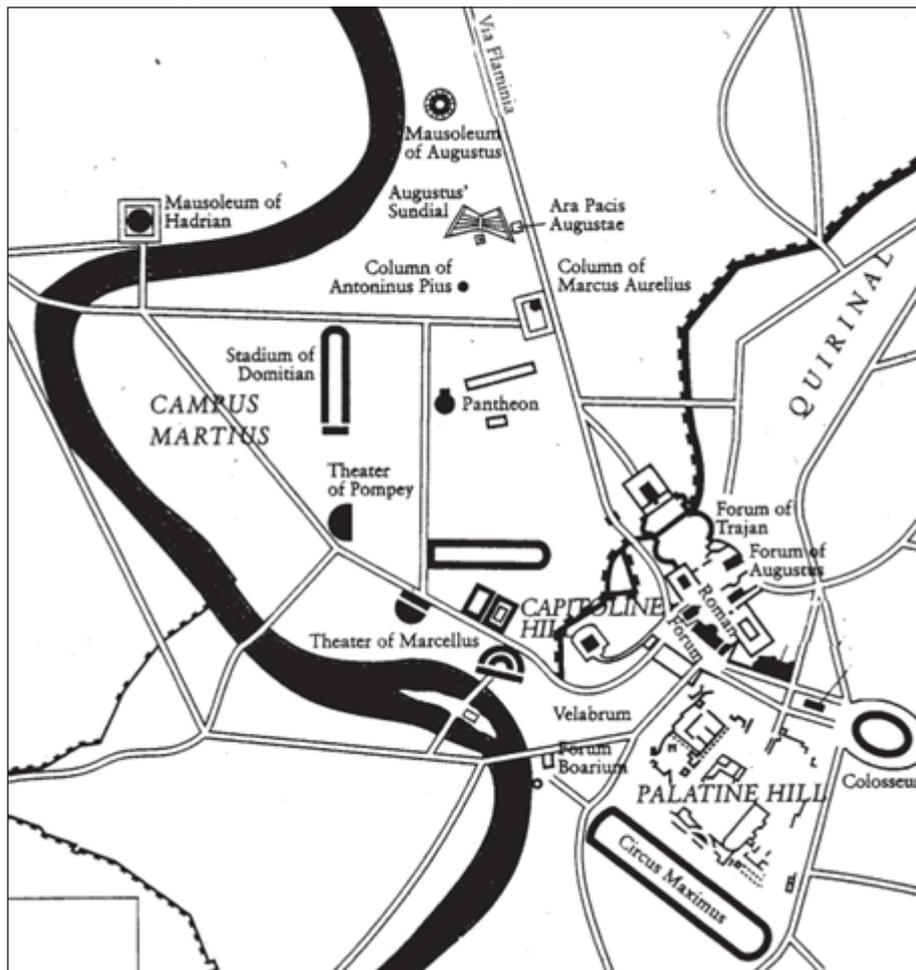
Apesar das dificuldades no tratamento e no armazenamento de vestígios, percebe-se que a morte e seus rituais se tornaram relevantes, ainda, hoje, e aos homens do passado. Segundo propomos, a permanência deles nos sítios arqueológicos e nos museus marcam não apenas a relevância do passado, ou seja, a consciência histórica, mas demonstram igualmente o medo e as incertezas da mortalidade. Varrão (116-27 a.C.) não é o único a admoestar os leitores ouvintes, a contemporaneidade também o faz (JENKINS, 2016, p. 251).

¹ No original: "*Sic monimenta quae in sepulcris, et ideo secundum viam, quo praetereuntis admoneant et se fuisse et illos esse mortalis. Ab eo cetera quae scripta ac facta memoriae causa monimenta dicta*".

² Sugere-se algumas leituras sobre a relevância histórica e arqueológica dos objetos, pois, como observam Hella Eckardt e Howard Williams (2003, p. 141), tais como as pessoas possuem uma história social, os objetos adquirem significados e evocam memórias por intermédio de suas vinculações com as pessoas, com as suas produções, com as trocas e os seus usos. Nesse sentido, entendemos que os artefatos se tornam centrais nas criações de identidades individuais e coletivas. Aliás, devemos fazer um adendo: nessa mesma linha, o *Museo dei Fori Imperiali*, em Roma, apresenta aos visitantes a relevância dos artefatos fragmentados. Em seu ambiente, deparamo-nos, por exemplo, com partes de estátuas, as quais possuem a mesma importância histórica, quando comparadas aos objetos mais completos. Nesta linha, indicamos os estudos de Appadurai (1986), Valerie M. Hope (2003; 2011) e Norberto Luiz Guarinello (2011). Para finalizar, recomendamos os estudos que problematizam as relações entre cadáveres, objetos e corpos. São eles: Williams (2004; 2016), Graham (2011), Jenkins (2016), Omena (2021), entre outros mais.

Nós o fazemos com o nosso olhar treinado aos testemunhos materiais e textuais acerca das percepções sobre as paisagens mortuárias do Mediterrâneo romano. Para nós, pesquisadores, as paisagens relacionam-se aos diferentes interesses e práticas sociais, por isso, consideramos, de fato, os edifícios mortuários e os monumentos relacionáveis (TILLEY, 2008, p. 274). Observemos a Figura 1:

Figura 1 - Plano do Campo de Marte, Roma



Fonte: Adaptado com a permissão de N. Romage e A. Romage (2005, fig. 04 *apud* REHAK, 2006, p. 223).

Localizado na cidade de Roma, o Campo de Marte exibia uma paisagem, no mínimo, ilustre, pois, veem-se, ainda, nos dias de hoje, vestígios da Via Flaminia e do Rio Tibre, indicando uma posição privilegiada, uma vez que as vias terrestre e fluvial tornavam-se fontes de comunicação e de trocas de bens, fossem materiais, fossem simbólicas (Estrabão, *Geographia*, V, 8, 35).³ Na Figura 1 constata-se uma série de

³ Segundo L. Richardson (1992, p. 65), à época de Augusto, o Campo de Marte estaria dividido entre *Regio VII, Via Lata*, *Regio IX, Circus Flaminius*, entretanto, a linha de divisão parece incerta, mas faziam paralelo à linha da *Via Flaminia* e, possivelmente, ao longo dela. De acordo com o estudioso, a planície era baixa, já que a sua superfície estava apenas a 3-8

edificações, como os teatros de Pompeu e Marcelo, a *Ara Pacis Augustae*, o relógio solar de Augusto e vinte tumbas: dois sepulcros circulares, sepulcro na Porta Flamínia, sepulcro em formato de três braços, sepulcro piramidal, sepulcro da Via Tornacelli, sepulcro do Palácio Sciarra, sepulcro dos *Scipioni*, Sepulcro dos Cláudios, sepulcro da Via Júlio Romano, Meta e acrescentam-se registros dos sepulcros de L. Rupilio Magno, Trullo, M. Oppio, Sila, Júlia César, Caio Vibio Pansa Cetroniano, A. Irzio, Caio Públio Bíbolo e o Mausoléu de Augusto (PORCARI, 2015, p. 464).

A partir dessa paisagem, observa-se certo empreendimento e custeamento que se associavam aos grupos sociais aristocráticos. Tanto nos vestígios materiais quanto nos textuais, contemplam-se personagens, como Cneu Pompeu Magno, César Augusto, Lívia Drusila, entre tantos outros, os quais não somente ocuparam a paisagem com edifícios, mas, por meio deles, construíram e compartilharam elementos simbólicos associados a Roma e à sua fundação. Como sustentam Luciane Munhoz de Omena e Pedro P. A. Funari (2021, p. 59):

O Campo de Marte representava um espaço social em que se reuniam cidadãos para a eleição dos cônsules e censores, gerais iniciavam suas procissões triunfais, a associação com a divindade Marte e, em termos simbólicos, este espaço teria sido o local de apoteose de Rômulo (cf. Tito Lívio, *Ab Vrbe Condita*, I. IV/VII/VIII/IX/XV/XVI). Além disso, ocorriam procissões funerárias de ilustres cidadãos que, somente por concessão do Senado, poderiam seguir pelo Campo de Marte.

Tais insígnias de poder aparecem representadas na narrativa de Estrabão (63 a.C.-24 d.C.), quando ele descreve o Mausoléu de Augusto. De acordo com suas palavras:

E o mais digno de ser registrado é o chamado Mausoléu, um grande túmulo sobre uma base elevada de mármore branco às margens do rio, coberto até o cimo do monte com árvores perenes; então, há no alto uma estátua de bronze de César Augusto, sob o seu túmulo estão colocados o seu corpo, os dos seus parentes e amigos íntimos, e há um grande bosque sagrado atrás dele que tem passeios admiráveis; e no meio da planície, está o recinto de sua cremação, também de mármore branco, cercado por um acabamento com um círculo de ferro, e é coberto por dentro com uma plantação de álamos negros. E se alguém retornasse até o antigo fórum, veria nele pórticos expostos um atrás do outro e pórticos de basílicas e templos, veria também o Capitólio e as obras que há lá, as que há no Palatino e no passeio de Lívia, e facilmente poderia esquecer as do estrangeiro. Tal é, sem dúvida, Roma (Estr., *Geog.*, V, 8).⁴

m acima do Tibre e, apenas com elevações menores, constantemente causava inundações. Teriam sido imprescindíveis obras de canalização, as quais desviavam o curso das águas, como, por exemplo, a *Petronia Amnis*, em que as águas drenadas corriam para o sul e oeste da encosta oeste do Quirinal. Ademais, o Campo de Marte abrigou não somente construções públicas, mas também a paisagem teria sido ocupada por edifícios privados, uma vez que o catálogo regional lista 3.805 *insulae* e 120 *domus* em *Regio VII*, bem como 2.777 *insulae* e 140 *domus* em *Regio IX* (RICHARDSON, 1992, p. 67).

⁴ No original: "ἀλλήλοισ, ὡς πάρεργον ἂν δόξαιεν ἀποφαίνειν τὴν ἄλλην πόλιν. διόπερ ἱεροπρεπέστατον

Como se observa, o geógrafo descreve, pormenorizadamente, a construção monumental do Mausoléu, com suas bases de mármore branco, o bosque sagrado, a estátua de bronze de Augusto, o recinto da pira funerária em mármore, a plantação de álamos negros e apresenta uma série de anéis concêntricos de concreto revestidos com blocos em travertino, tornando-o muito mais apoteótico com seus moradores notáveis: Marcos Cláudio Marcelo (42-23 a.C.), Marco Vipsânio Agripa (64 a.C.-12 a.C.), Nero Cláudio Druso (38 a.C.- 9 a.C.), Otávia Júlia Turino (69 a.C.-10 a.C.), Lúcio Vipsânio Agripa (conhecido por Lúcio César, após a adoção de Augusto) (17 a.C.-2 d.C.), Caio Vipsânio Agripa (Caio César, depois da adoção de Augusto) (20 a.C.- 4 d.C.), Otávio César Augusto (63 a.C.-14 d.C.), Germânico Júlio César (15 a.C.-19 d.C.), Druso Júlio César (13 a.C.-23 d.C.), Lívia Drusila (58 a.C.-29 d.C.), Nero Júlio César Germânico (6 d.C.-31 d.C.), Agripina Maior (14 d.C.-33 d.C.), Druso César (7 d.C.-33 d.C.), Tibério Cláudio Nero César (42 a.C.- 37 d.C.), Antônia (36 a.C.-36 d.C.), Júlia Lívila (18 d.C.-d.C.), Tibério Cláudio César Augusto Germânico (10 a.C.-54 d.C.), Tibério Cláudio César Britânico (41 d.C.-55 d.C.), Popeia Sabina, esposa do imperador Nero Cláudio César Augusto Germânico (30 d.C.-60 d.C.) e Marco Coceio Nerva (30 d.C.-98 d.C.).⁵ A partir do Mausoléu, os visitantes contemplariam a sua própria monumentalidade, o antigo fórum, os pórticos das basílicas, os templos, o Capitólio e o Palatino, tal como se nota na narrativa de Estrabão (*Geog.*, V, 8, 50; 55).

Nessa etapa, é importante discutirmos, mesmo que brevemente, a paisagem institucional que confere elementos simbólicos e identitários. Para iniciarmos a reflexão, entendemos as instituições como agrupamentos sociais legitimados como famílias, com destaque às famílias imperiais, cerimônias, magistraturas, assembleias, entre outras formações. Como propõe Mary Douglas (2011, p. 37), a instituição é, em uma instância, uma convenção social, à medida que

uma convenção surge quando todos os lados têm interesse comum na existência de uma regra que assegure a coordenação, quando nenhum deles apresenta interesses conflitantes e quando nenhum deles se desviará, a menos que a desejada coordenação se tenha perdido.

νομίσαντες τούτον τὸν τόπον καὶ τὰ τῶν ἐπιφανεστάτων μνήματα ἐνταῦθα κατεσκεύασαν ἀνδρῶν καὶ γυναικῶν. ἀξιολογώτατον δὲ τὸ Μουσώλειον καλούμενον, ἐπὶ κρηπίδος ὑψηλῆς λευκολίθου πρὸς τῷ ποταμῷ χῶμα μέγα, ἄχρι κορυφῆς τοῖς ἀειθαλέσι τῶν δένδρων συνηρεφές· ἐπ' ἄκρῳ μὲν οὖν εἰκῶν ἐστὶ χαλκῆ τοῦ Σεβαστοῦ Καίσαρος, ὑπὸ δὲ τῷ χῶματι θῆκαί εἰσιν αὐτοῦ καὶ τῶν συγγενῶν καὶ οἰκείων, ὅπισθεν δὲ μέγα ἄλσος περιπάτους θαυμαστοὺς ἔχον· ἐν μέσῳ δὲ τῷ πεδίῳ ὁ τῆς καύστρας αὐτοῦ περίβολος καὶ οὗτος λίθου λευκοῦ, κύκλῳ μὲν περικείμενον ἔχων σιδηροῦν περίφραγμα, ἐντὸς δ' αἰγείροις κατάφυτος. πάλιν δ' εἶ τις εἰς τὴν ἀγορὰν παρελθὼν τὴν ἀρχαίαν ἄλλην ἐξ ἄλλης ἴδοι παραβεβλημένην ταύτη καὶ βασιλικὰς στοὰς καὶ ναοὺς, ἴδοι δὲ καὶ τὸ Καπιτώλιον καὶ τὰ ἐνταῦθα ἔργα καὶ τὰ ἐν τῷ Παλατίῳ καὶ τῷ τῆς Λιβίας περιπάτῳ, ῥαδίως ἐκλάθοιτ' ἂν τῶν ἔξωθεν. τοιαύτη μὲν ἡ Ῥώμη" (*Est., Geog.*, 5, 8).

⁵ Para maiores informações sobre o Mausoléu de Augusto, sugerimos os seguintes autores: Guven (1998), Eder (2005), Jones (2008), Kallis (2011), Sáez (2016), Omena e Funari (2021), Omena (2020), entre outros mais.

As instituições organizam a sociedade em torno de suas demandas e interesses, transformam-nas em práticas institucionalizadas por intermédio da criação de regras e normas integradas à produção de analogias. Estas legitimam as instituições sociais e produzem interferências nos espaços e nos locais, alterando, de fato, o cotidiano. Se voltarmos a Estrabão, a comunidade se organiza e se integra ao Campo de Marte. Nas palavras do geógrafo:

De fato, Pompeu, o divino César, Augusto, os filhos deste, seus amigos, sua mulher e sua irmã, ultrapassaram os outros em completa diligência e muitas despesas com construções; e o Campo de Marte tem a maior delas, além de seu aspecto natural, acrescentando também o cuidado com a beleza. Por certo, é admirável a extensão da sua planície, juntamente com as corridas de carros e todo tipo de manobra com carros de corrida, tem uma área livre para que façam exercícios gímnicos com bola, argola e palestra com uma multidão enorme; também as obras colocadas em seu entorno, o solo coberto de grama durante o ano e coroados de colinas (Estr., *Geog.*, V, 8).⁶

Elabora-se um vínculo entre as construções públicas e os personagens da política romana: mulheres e homens produziram alterações nas paisagens da *urbs*, criando, com isso, laços sociais e identidades. Nesse sentido, a colocação de Mary Douglas (2011, p. 108) interessa-nos profundamente, pois, segundo a autora, “[...] estar ligado a um lugar significa, portanto, não só ter um ponto de origem, mas também possuir aquelas raízes sociais, aquelas realizações humanas que são distintivas para o tipo de pessoa que alguém é”. No excerto de Estrabão, temos a presença das atividades físicas, das corridas de carros, das palestras e uma paisagem natural protuberante que transforma, em especial, o Campo de Marte em um espaço vivido e, ainda mais, simbólico, em termos institucionais. Compreende-se, portanto, que o Mausoléu de Augusto se integra à *Ara Pacis Augustae* e às *Res Gestae Divi Augusti*. Como propõe Paul Rehak (2006, p. XII), Augusto, aos setenta e seis anos, escreve a sua *uita* testamentária, lida em voz alta e fixada em vários locais, inclusive em seu monumento mortuário, rememora os seus feitos. Ao mencionar a *Ara Pacis*, afirma:

Quando voltei da Hispânia e da Gália, alcançado os sucessos nessas províncias sob o consulado de Tibério Nero e Públio Quintílio, o Senado votou em honra do meu retomo a consagração de um altar à Paz Augusta no campo de Marte, e ordenou que neste altar os magistrados, os sacerdotes e as Virgens Vestais fizessem um sacrifício anual (Augusto, *Res Gestae Divi Augusti*, XIII).⁷

⁶ No original: “καὶ γὰρ Πομπήιος καὶ ὁ θεὸς Καῖσαρ καὶ ὁ Σεβαστὸς καὶ οἱ τούτου παῖδες καὶ οἱ φίλοι καὶ γυνὴ καὶ ἀδελφὴ πᾶσαν ὑπερεβάλλοντο σπουδὴν καὶ δαπάνην εἰς τὰς κατασκευὰς τούτων δὲ τὰ πλεῖστα ὁ Μάρτιος ἔχει κάμπος πρὸς τῇ φύσει προσλαβὼν καὶ τὸν ἐκ τῆς προνοίας κόσμον. καὶ γὰρ τὸ μέγεθος τοῦ πεδίου θαυμαστὸν ἄμα καὶ τὰς ἄρματοδρομίας καὶ τὴν ἄλλην ἵππασίαν ἀκώλυτον παρέχον τῷ τοσοῦτῳ πλήθει τῶν σφαίρα καὶ κρίκῳ καὶ παλαίστρῳ γυμναζομένων· καὶ τὰ περικείμενα ἔργα καὶ τὸ ἔδαφος ποιάζον δι’ ἔτους καὶ τῶν λόφων στεφάναι τῶν” (Estr., *Geog.*, 5, 8).

⁷ No original: “Cum ex Hispania Galliaque, rebus in iis provinciis prospere gestis, Romam redi Ti. Nerone et P. Quintilio

Augusto reforça o seu papel político e negocia a sua posição institucional. Construída entre os anos 13 e 9 a.C., a *Ara Pacis Augustae* continha elementos simbólicos associados à paz, à prosperidade, à família, às magistraturas e à fundação de Roma, entre outros elementos.⁸ Localizada entre o Mausoléu, as *Res Gestae Diui Augusti* – epitáfio – e o relógio solar na forma de Obelisco (Figura 1), Augusto produz, em termos representativos, um discurso de consolidação de sua posição institucional em uma paisagem afiliada aos *mores maiorum*. O monumento mortuário e seus epitáfios, o altar da Paz e, ainda, os edifícios públicos, em seus entornos, produziram, de fato, memórias institucionais, as quais corroboraram os conflitos, as celebrações e as dimensões emocionais.

A espacialidade e suas celebrações traduzir-se-iam em formas de comunicação política e social. Adquirem uma linguagem imagética e dramática que, segundo propomos, reforçam os sentimentos de pertencimento e consentimento. Na escrita de Estrabão, detectam-se informações sobre a qualidade espacial, a diversidade de obras e, por consequência, aquela paisagem congregava funções e público variáveis. Como sustenta C. Tilley (2008, p. 272), a paisagem é fundamental para a existência humana, uma vez que fornece um meio e um resultado, individual e social de suas práticas culturais. A fisicalidade das paisagens orienta as pessoas e os lugares dentro delas, sendo um recurso físico e sensorial para as experiências sociais e simbólicas. Propomos que o espaço propicia um conjunto de experiências emocionais, pois, como acentua Yi-Fu Tuan (1983, p. 127):

[...] o espaço arquitetônico revela e instrui. De que maneira ele instrui? Na Idade Média, a grande catedral instrui em vários níveis. Há o apelo direto aos sentidos, ao sentimento e ao subconsciente. A centralidade da construção e a presença dominante são registradas. Eis o volume – o peso da pedra e da autoridade – e, no entanto, as torres se elevam.

O estudioso confere à espacialidade arquitetônica – externa e internamente – uma potência que se vincula às experiências emocionais. A grandiosidade da construção, o espaço gerenciado e os seus símbolos sociais e sagrados produzem acolhimento. Ao voltarmos a Estrabão, o geógrafo grego destaca, com enorme admiração, o conjunto espacial do Campo de Marte, pois, por intermédio de seus bosques e construções arquitetônicas, convidava as pessoas a oferecerem sacrifícios, exercitarem seus corpos, frequentarem espetáculos teatrais, corridas e combates gladiatoriais e, ainda, sepultarem seus mortos ilustres. O espaço arquitetônico público convida os viandantes a se

consulibus aram Pacis Augustae senatus pro reditu meo consacranda censuit ad campum Martium, in qua magistratus et sacerdotes virginesque Vestales anniversarium sacrificium facere iussit" (Aug., *Res Gest. D. Aug.*, XIII).

⁸ Para maiores informações, consultar: Billows (1993), Strazzulla (2009), Lowrie (2009), Martins (2011) Ionescu (2014), Pérez (2014), entre outros autores.

integrarem, à medida que produzem identidades, o compartilhamento de símbolos e se inscrevem em uma memória social. Ao parafrasearmos Norberto Luiz Guarinello (2001), entendemos que a construção dos espaços arquitetônicos, tais como as celebrações festivas, as quais estão interconectadas, envolvem valores, visões de mundo, emoções, conflitos e processos de negociações.

Se referirmo-nos à arena romana, os conflitos entre grupos aristocráticos transformaram a morte e seus rituais de enterramentos em momentos propícios para os espaços de disputas. Embora tais práticas não possam ser reduzidas às disputas de poder, uma vez que congregam características sociais e sagradas,⁹ acentuamos, pelo menos, nesta discussão, a relevância da linguagem política para as práticas mortuárias. Augusto não se opôs somente aos grupos aristocráticos vinculados a Marco Antônio e Cleópatra, mas, ao construir o Mausoléu no Campo de Marte, preocupou-se também em propagar imagens de unidade entre as *gentes Claudia e Iulia*. Sabemos, pois, que os laços familiares na sociedade romana representavam, particularmente, laços institucionais. A prática política envolvia alianças entre as *gentes*, portanto, as uniões matrimoniais, a dissolução delas pelo divórcio, o nascimento de filhos legítimos e o respeito aos ancestrais posicionavam protagonistas, tais como Augusto e seus familiares, no centro das disputas aristocráticas da corte romana.¹⁰

Como resultante, entendemos que as práticas de sepultamentos se tornaram fontes de disputas e de conflitos entre famílias aristocráticas.¹¹ As construções dos edifícios e dos monumentos representavam uma verticalização da construção social de memória (CARROLL, 2011).

Augusto e os demais grupos de notáveis escolheram as imagens e as inscrições mortuárias como uma agenda mnemônica para gerações futuras, uma vez que pretenderam perpetuar suas respectivas reputações em vida e na morte. Havia uma urgência em indicar herdeiros, os quais assumiriam suas posições políticas dentro da família e das magistraturas.

⁹ É importante ressaltar que as construções tumulares, os epitáfios em estelas e em altares, e os relevos apresentam uma infinidade de temas que se associam à morte, à perda de entes queridos, às narrativas míticas, às práticas de ofícios, entre outros temas. Por exemplo, podem ser citadas as representações de meninos e meninas, pois, segundo Omena (2020, p. 148), aparecem homenageados em uma grande variedade de suportes como estelas, altares, retratos, sarcófagos, que registram o luto, o sentimento de perda, a individualidade e seus ambientes de entretenimento, nascimento, educação, entre outros mais. Para maiores informações sobre morte e infância, indicamos: Smith (2006), Huskinson (2006), Carroll (2012; 2018a; 2018b), Crawford *et al.* (2018), Omena e Funari (2021), entre outros.

¹⁰ Para maiores informações sobre as práticas matrimoniais, sugerimos os seguintes autores: Dixon (1992), Pryzwansky (2008), Chrystal (2017), Rawson (1966; 1974; 1987; 1999), entre outros mais.

¹¹ Mais uma vez, precisamos esclarecer que a prática de sepultamento em necrópoles de superfície envolveu também grupos sociais diversificados, tais como escravos, libertos e trabalhadores livres. A perpetuação de seus nomes no espaço mortuário não se reduz aos grupos sociais aristocráticos. Vêem-se, por exemplo, o monumento como a Tumba do Padeiro na *Via Ostiense*, em Roma. Há igualmente um número gigantesco de epitáfios e relevos, os quais enfatizam suas relações afetivas e ofícios, como, por exemplo, o comércio. Para maiores informações, indicamos: Joshel (2013), Carroll (2011), Strong (2016), Bodel (2017), entre outros.

Christopher Johanson (2011, p. 408-409), em *A Walk with the dead: a funerary cityscape of ancient Rome*, produz uma descrição e uma análise belíssimas dos cortejos fúnebres. Para o pesquisador, o panorama funerário oferecia uma miríade de oportunidades para exibir o capital simbólico familiar, político e pessoal.¹² O ritual funerário se inseria no coração político de Roma e a evidência das realizações familiares passadas – pois tinham a pretensão de ressaltar as realizações do morto e a influência comprovada da família. A família poderia usar a imagem funerária como um parâmetro interno que apresentasse objetivos claros para seus membros mais jovens alcançarem posições na política romana. Os mortos ofereciam *exempla* de sucessos passados e tornavam-se lembretes do seu próprio lugar dentro da estrutura de poder. Posto isto, as práticas mortuárias tornavam evidente as atitudes, aspirações de cidadãos e transformavam-se em modelos sociais que inseridos em um observatório público e sacralizado, tornavam evidentes suas posições e disputas políticas na corte romana.

Para tanto, torna-se imprescindível, a partir deste momento, compreendermos as relações familiares, com ênfase, nas dimensões emocionais e no exercício de poder sob o viés senequiano, para, deste modo, analisarmos os entrelaçamentos entre ética, família e morte. Direcionamo-nos, então, ao último tópico.

Morte e uirtus: as relações familiares em *De beneficiis*, de Sêneca (62 d.C.)

As disputas entre as famílias aristocráticas por espaços de poder no período da dinastia Júlio-Claudiana forjaram também a paisagem literária a partir da qual normas e valores éticos eram elementos importantes na busca pela legitimidade das classes governantes (HOPKINS, 1978, p. 113-114; 232). Valores como prestígio, honra e glória permeavam as estratégias políticas de diferentes grupos aristocráticos na consecução de seus interesses, sistematizados ou não, nas magistraturas civis e militares (LENDON, 1997, p. 30; GUARINELLO; JOLY, 2001, p. 4). É nesse contexto que as legislações augustanas sobre a família funcionam como uma das chaves explicativas das proposições éticas de Sêneca para as relações familiares em sua obra *De beneficiis* (GLOYN, 2017, p. 77).¹³ Ao propor um

¹² Em termos documentais, sugerimos a interessantíssima *Consolação a Livia*, de autor anônimo. Nela, o anônimo não somente consola Livia que lamenta, publicamente, a morte de seu filho Druso, mas apresenta em seus versos um cerimonial festivo, o qual celebra a relevância política e militar de Druso e posiciona Tibério, filho mais velho de Livia, como sucessor do poder imperial. Para maiores informações, consultar: Butrica (1993); Brännstedt (2015); Borsato (2017), entre outros mais.

¹³ Para a autora Liz Gloyn (2017, p. 77-106), a *Lex Iulia de maritandis ordinibus* (19 a.C.) e a *Lex Papia Poppaea* (9 d.C.) baseiam os parâmetros que Sêneca utiliza nas suas obras *Sobre o Matrimônio* e *Sobre os benefícios*. Uma análise mais detalhada da relação entre a legislação de Augusto e a ética senequiana pode ser encontrada na obra de S. Treggiari (1991, p. 60-80).

código de comportamento matizado sobre a prática virtuosa na esfera familiar, o filósofo apresenta o estoicismo como capaz de unificar as relações sociais, em especial, entre os *nobiles* romanos (GUARINELLO, 1996, p. 54).

Dentre os recursos retóricos utilizados por Sêneca no tratamento das relações familiares, a metáfora pai-filho é frequente em sua obra *De beneficiis*. Para Roller (2001, p. 213), é possível perceber a recorrência desse recurso em fontes textuais e materiais no período entre a morte de César (43 a.C.) e o fim do governo de Nero (68 d.C.).¹⁴ Sua tese é de que a linguagem metafórica seria endereçada às classes governantes a partir de uma estrutura ética (ROLLER, 2001, p. 213-215). Portanto, Sêneca, ao usar metáforas, constrói um modelo de atuação política em âmbito aristocrático que pautaria a inserção no espaço público efetivo (PATERSON, 2007, p. 123).¹⁵ Nesse sentido, o filósofo lança mão da vinculação pai-filho como um espelho para o exercício da *uirtus* entre as instituições do Principado romano que, a seu ver, matizavam-se mais pelas paixões como a ira (Sêneca, *De ira*, I, 8, 1-3), ingratidão (Sen., *De beneficiis*, VII, 27, 3) e orgulho (Sen. *De ben.*, II, 12, 1).¹⁶ O cordovense estabelece prudentes juízos nas relações familiares como um ideal do que poderia ser praticado entre os vários grupos aristocráticos em ampla competição.

O tratado *De beneficiis*, dentro do *corpus* senequiano, é o que contém com mais extensão a metáfora pai-filho. Por ser o último e mais extenso (sete livros) dos tratados de Sêneca, é fruto de sua maturidade intelectual, perceptível na maneira como ele aborda o sistema do patronato (LENTANO, 2014, p. 201). A conclusão da escrita desse tratado teria sido, provavelmente, no ano 62 d.C., o que coincide com a retirada de Sêneca da corte neroniana (GRIFFIN, 1976, p. 399). Por isso, a obra reflete as experiências de benesses e reveses do filósofo que se acercou do poder imperial (GONÇALVES, 1999, p. 50). Logo, o tratado, em termos gerais, constitui a projeção de Sêneca quanto à paisagem política do Principado a partir da troca de benefícios, na qual as relações familiares aparecem como fulcrais.

¹⁴ Segundo Roller (2001, p. 213-215), essas metáforas são atestadas em várias fontes documentais, desde textuais (*Suasoriae* de Sêneca, o Velho, as *Res Gestae*, entre outras), bem como em fontes materiais (como, por exemplo, uma moeda comemorando a participação de Bruto no assassinato de César). Para um estudo mais detalhado sobre essa moeda, recomendamos a obra de Michael Crawford (1974).

¹⁵ Para Paterson (2007, p. 123), o quadro das relações políticas é matizado sob a égide binômica, como, por exemplo, governante/governados. Contudo, a percepção do exercício do poder de governo como algo outorgado, compartilhado e que precisa, portanto, legitimar-se constantemente, parece se encaixar melhor ao tratado *De beneficiis*. Fábio Joly, Norberto Guarinello (2001, p. 5) e Greg Woolf (1998, p. 105) são alguns dos historiadores que refletem as várias relações de poder no contexto do Principado como formas de comunicação, descontinuas ou não, em constante adaptação.

¹⁶ “Espelho” no sentido que o próprio Sêneca usa no tratado *De clementia* (Proêmio, 1, 1), a saber, uma proposta de atuação política do que o bom exercício de virtudes, como a clemência, poderia vir a ser. Confirma a tradução de Ingenborg Braren (1990, p. 39) para esse trecho do *De clementia*.

São, ao todo, oito ocorrências adensadas no final do livro III. A localização e densidade dessas ocorrências são significativas. O livro IV de *De beneficiis* é, com certa probabilidade, o mais consistente dentre os sete livros da obra (GRIFFIN; INWOOD, 2011, p. 8). O fato de a metáfora pai-filho estar alocada no final do Livro III pode indicar sua importância para a arquitetura da argumentação de Sêneca como um todo em *De beneficiis*. Assim, essa metáfora surge como um prelúdio e esteio da parte central do referido tratado.

Dessa forma, a análise de Liz Gloyn (2017, p. 11), para quem a metáfora pai-filho é apenas uma nova proposta de modelo de paternidade a partir da *oikeiosis*, não faz jus ao destaque dado pelo próprio Sêneca ao tópico. Além disso, o estudo de Gloyn (2017, p. 116-117) deixa escapar a necessária transposição do comportamento na *domus* para a esfera pública o que, a nosso ver, é o intuito por trás do uso da metáfora pai-filho.

Mireille Armisen-Marchetti, em sua obra *Sapientiae facies: étude sur les images de Sénèque*, é de grande auxílio na compreensão das metáforas senequianas. Para a autora, as metáforas servem para enfatizar o discurso em torno do que é ser virtuoso, o que ela chama de estética retórica (ARMISEN-MARCHETTI, 1989, p. 24). A opção por uma linguagem metafórica seria, então, uma maneira de transmitir valores morais e éticos inteligíveis para a aristocracia romana e, ao mesmo tempo, retomar o passado por meio de personagens e narrativas presente no imaginário romano. Armisen-Marchetti (1989, p. 27) pontuou que o próprio Sêneca (*De ben.*, V, 13, 3) insiste que pretende se comunicar com os leitores pretendidos por intermédio de similitudes.¹⁷ Nesse sentido, ao retomar narrativas do passado romano, os personagens evocados pelo filósofo parecem refletir o ambiente de tensões e atritos do seu próprio tempo. Logo, Sêneca projeta nessa metáfora pai-filho o que a aristocracia poderia vir a ser à luz do escopo que o estoicismo ofereceria para os *nobiles* romanos.

Por essa razão, Sêneca emprega dois *exempla* ligados à memória romana em que filhos, diante do grande risco de morte dos seus pais, agem virtuosamente para livrá-los. O primeiro é o de Públio Cornélio Cipião Africano (Sen., *De ben.*, III, 33, 1) e o segundo é o de Eneias (Sen., *De ben.*, III, 37, 1). Antes de analisar essas duas ocorrências, convém delimitar o contexto em que elas aparecem no livro III de *De beneficiis*.

¹⁷ No original: "Quaedam, etiam si uera non sunt, propter similitudinem eodem uocabulo comprehensa sunt [...] Beneficia ista non sunt, habent tamen beneficium speciem". Tradução: "Algumas coisas, mesmo não sendo verdadeiras, são compreendidas pela similitude do vocabulário [...] Benefícios não são, mas têm a aparência de benefício".

Metáfora pai-filho

A metáfora pai-filho, presente também no livro III de *De beneficiis*, apresenta uma forma de apresentação interessante. Sêneca lança uma *sententia*¹⁸ na parte inicial onde essa metáfora ocorre (Sen., *De ben.*, III, 29, 6). A partir daí, utiliza vários *exempla* (Aristóteles, Sócrates, Xenofonte e Platão – Sec., *De ben.*, III, 32, 3; Marcos Agripa – III, 32, 4; Augusto – Sec., *De ben.*, III, 36, 1), de novo enuncia uma *sententia* (Sen., *De ben.*, III, 36, 1) e encerra com mais um *exemplum* (Enéas – Sen., *De ben.*, III, 37, 1). A partir dessa estrutura, Sêneca, então, elabora dois argumentos principais para os quais ele apresenta os dois *exempla* mencionados acima. O primeiro é de que os benefícios concedidos aos pais também o são, em certa medida, concedidos aos filhos (Sen., *De ben.*, III, 29, 6): “Não conseguiria [nada] se não fosse o benefício conferido anteriormente aos meus pais; mas não por isso, o que ele conseguiu é menor que aquele sem o qual eu não teria conseguido”.¹⁹

A maneira como o filósofo abre o uso dessa metáfora indica sua tônica de postar que a gratidão e a humildade são devidas diante do reconhecimento de que, sem os benefícios conferidos aos pais,²⁰ ninguém galga posições, adquire riquezas e prestígio. É muito provável que o filósofo esteja pensando em termos de relações políticas, pois os *exempla* que emprega para demonstrar seu primeiro argumento são extraídos da história política de Roma como Marcos Agripa (Sen., *De Ben.*, III, 32, 4),²¹ Otávio Augusto e Júlio César (Sen., *De Ben.*, III, 32, 5). À luz dessas e outras indicações do *De beneficiis*, parece razoável supor que Sêneca tem em vista a paisagem política de Roma no período final do governo de Nero.²²

Ademais, nota-se que tais *exempla* são vinculados à dinastia Júlio-Claudiana,²³ à qual Nero pertencia. Ao que parece, esse emprego dos *exempla* pode ser um indício

¹⁸ Uma *sententia* é, segundo Susanna Braund (2009, p. 22), uma sentença prosaica forte enfática, inserida ocasionalmente para transmitir um postulado forte que é, em seguida, desenvolvido em uma série de argumentos.

¹⁹ No original: “*Non potuissem quicquam consequi nisi parentum beneficium antecessit; sed non ideo, quidquid consecutus sum, minus est eo, sine quo consecutus non essem*”. Recomenda-se, para esse trecho, a tradução do latim para o italiano de M. Menghi (2019, p. 103).

²⁰ Entende-se que com “pais” Sêneca não se refira a um vínculo biológico no sentido da progeneritura física, mas sim à paternidade em termos políticos, pois é dessa forma que ele enxerga a relação de Otávio Augusto com Júlio César em *De beneficiis* (III, 32, 5). Na interpretação de Griffin e Inwood (2011, p. 198), o ponto de Sêneca é afirmar que o pai biológico de Augusto, no caso, foi menos importante do que o seu pai adotivo, Júlio César.

²¹ Marcos Vispânio Agripa (consulado 28, 27 a.C.) foi o grande general e associado de Augusto, e por último seu genro (cf. *De beneficiis*, VI, 32, 2-4; GRIFFIN; INWOOD, 2011, p. 198).

²² Nota-se, por exemplo, a presença de referências aos triunfos (Sen., *De ben.*, I, 5, 6; II, 11, 1; V, 15, 5) vinculados a valores como honra, legitimidade, como também às instituições como o Senado (Sen., *De ben.*, V, 15, 5) e o exército (Sen., *De ben.*, I, 5, 6). Geoffrey Sumi (2008, p. 201) demonstra que, como uma cerimônia, o triunfo ocorria em Roma e servia como uma demonstração e comunicação pública de valores em um jogo de performance pública e adaptação de preceitos inseridos nas relações de poder em âmbito aristocrático.

²³ Uma importante análise das transformações e continuidades na história política romana a partir da *domus* com

de que o filósofo tenha em vista uma referência à família imperial. Embora, no período republicano, as famílias dos *nobiles* fossem parte da vida política romana, a partir de Augusto, a família imperial (*aula imperial*) assumiu um caráter público tanto no que tange ao papel das mulheres quanto aos homens como sucessores imperiais (JOLY; FAVERSANI, 2020, p. 80).²⁴ Tal caráter público também apontava para um papel político, à medida em que essa família imperial assumia uma posição de destaque entre as famílias aristocráticas (WINTERLING, 1999, p. 195).

Dentro do contexto político do Principado, portanto, resguardadas as variadas linhas de atuação política de Augusto a Nero, a família imperial era parte integrante das disputas e tensões institucionais que marcaram esse período.²⁵ Não sem razão, então, Sêneca insere *exempla* vinculados à dinastia Júlio-Claudiana para construir modelos de comportamento, como também para sugerir uma proposta de atuação dessa família imperial no que tange à prática dos benefícios. Em caráter hipotético apenas, pode-se conjecturar que há uma indicação mais específica ainda a Nero, pois no bojo do argumento há a construção da imagem de que a cada geração deve ser grata aos benefícios concedidos aos predecessores (Sen., *De ben.*, IV, 30, 3) e isso poderia incluir até mesmo o *princeps*.²⁶

Por fim, o último trecho no levantamento da metáfora pai-filho:

Eneas venceu²⁷ seu pai, ele mesmo tinha sido um fardo leve na infância, sem riscos; mas carregou seu pai, que era pesado em sua velhice através das linhas inimigas no meio das ruínas de uma cidade e de seus pátios; carregou o piedoso senil com seus objetos sagrados e deuses domésticos em seus braços através das chamas (que piedade²⁸ não pôde?) e o depositou seguro para estabelecer

identidade coletiva encontra-se no trabalho de Fabio Duarte Joly e Fábio Faversani (2020, p. 77-95).

²⁴ Um papel público das mulheres é a representação de Livia em vários elementos da cultura material. Destaca-se, por exemplo, a Base de Sorrento (Inv. 3657. Sorrento, Museu Correale de Terranova) disponível e analisada por Claudia Cecamore (2004, p. 294) na qual, segundo essa autora, Livia, esposa de Augusto, é representada ao lado de sacerdotisas vestais como símbolo de *pudicitia* (pudor). Tal representação visava à criação de uma imagem pública de Livia a partir da qual valores do *mos maiorum* foram enfatizados.

²⁵ Os estudos de Saller (2002, p. 41-78) e Wallace-Hadrill (1993, p. 25-42) trouxeram reflexões importantes sobre o estatuto da *aula* imperial. Uma contribuição significativa dos dois autores foi chamar a atenção para a importância política da *aula* imperial a qual operava efetivamente por meio da distribuição de favores e interferia na relação entre o *princeps* e a aristocracia. Embora a *aula* não fosse institucionalizada, os membros da família imperial participavam do quadro de disputas políticas, fazendo valer seus interesses, acionando sua rede de conexões e clientes na consecução de seus interesses.

²⁶ Faversani (1998, p. 226) atribui à historiografia e não a Sêneca a existência de um “ideal senatorial” defendido pelo estoico, ou seja, a visão do estoico que o *princeps* era o primeiro, isto é, o melhor entre iguais. Para Faversani, Sêneca, em seus escritos, não esboça os contornos do chamado “ideal senatorial”, pelo contrário, avança no sentido de construir um ideal de Principado que o tornasse mais autocrático e centralizado (JOLY; FAVERSANI, 2020, p. 91).

²⁷ Prefere-se traduzir o verbo *uicit* (perfeito da terceira pessoa do singular) literalmente como “venceu”. Contudo, o uso desse verbo deve ser entendido como uma indicação de que Eneias superou o seu pai em termos de *pietas* quando concedeu a ele o benefício de ser livrado da morte.

²⁸ Tanto Griffin e Inwood (2011, p. 83) quanto Préchac (1972, p. 95-96) traduzem *pietas* como afeição filial. Contudo,

seu pai como um dos fundadores do império romano a ser honrado.²⁹ (Sen., De Ben., III, 37, 1).³⁰

Sêneca novamente afirma que os filhos, além de concederem benefícios a seus pais, podem superá-los na prática da *uirtus*. Esse, para ele, foi o caso de Eneias. Ao retomar essa narrativa, Sêneca usa a imagem de Eneias, como início da linhagem de Augusto, para formular uma afirmação de *pietas* em que a prática de benefícios (ou seja, do filho para o pai) perfaz uma das formas em que os pais e os deuses são honrados na *uirtus* dos filhos.³¹

Uma questão pertinente sobre as metáforas de Sêneca em *De beneficiis* é a presença da morte como topos de vários dos seus exempla.³² A temática da morte em Sêneca é um assunto já bastante explorado. Alguns autores lidaram com o suicídio (TADIC-GILLOTEAUX, 1963, p. 541-551).³³ Existe uma abordagem da morte sob a égide da liberdade (VIANSINO, 1979, p. 168-196).³⁴ Outros estudaram esse tema a partir das cartas consolatórias, atentando para a filosofia como terapia para a dor (COSTA JÚNIOR, 2016, p. 1-13).³⁵ Porém, no tratado *De beneficiis* a morte surge como uma experiência muito próxima diante da qual a *uirtus* deveria ser exercida. Esse parece ser o caso do Eneias evocado por Sêneca no trecho em

optou-se por manter a tradução de *pietas* como “piedade” no sentido de uma virtude, aqui nesse trecho, dos filhos honrarem os pais e aos deuses. Interessante que essa virtude foi vinculada a Otaviano durante sua trajetória política, em especial, quando vingou o assassinato de César (GALINSKY, 1996, p. 86-88). *Pietas* aqui entende-se, na esteira de John Scheid (2007, p. 177), como a correta relação com os deuses e com a família.

²⁹ John Cooper (1995, p. 271) apresenta uma tradução interessante para o inglês que merece ser comentada. Primeiro a tradução para o inglês: “Victory went to Aeneas over his father. In his infancy he himself had been light and easy to carry; his father was heavy with age. Yet he bore him through the ranks of the enemy, through the city as it fell in ruina round him, while the pious old man, clasping his household gods and objects of worship, made a double burden to weigh down his stride. Through the flames he bore him and – filial devotion can manage anything – bore him through to safety, establishing him up for veneration among the founders of the Roman empire”. Cooper usa a palavra “victory” como tradução de “uincit”. Além disso, ele traduz *pietas* como “filial devotion” porque compreende que Sêneca está retomando uma versão dessa narrativa de Eneias em Virgílio (*Eneida*, II, 671-749).

³⁰ No original: “Uicit Aeneas patrem, ipse eius in infantia leue tutumque gestamen, grauem senio per media hostium agmina et per cadentis circa se urbis ruinas ferens, cum complexus sacra ac penates deos religiosus senex non simplici uadentem sarcina premeret; tulit illum per ignes et (quid non pietas potest?) pertulit colendumque inter conditores Romani inperii possuit”.

³¹ Esse *exemplum* de Eneias carregando seu pai nos braços não pertence apenas à tradição textual, mas aparece na iconografia do Fórum de Augusto, onde essa cena estava representada na estatuária desse edifício como forma de Augusto usar o repertório da história romana na qual a sua *gens*, vinda de Eneias, teria parte importante. Esses personagens de feitos exaltados nesse edifício e outros são denominados *summi uiri*. Assim, a estatuária intentava uma audiência desses espaços públicos que teria acesso a essa história que Josephine Shaya (2013, p. 92) chama de “história pública”. Na acepção de Shaya (2013, p. 83), os monumentos não apenas incorporam uma memória, mas a mediam na maneira como a aloca nos edifícios. Dessa forma, Augusto, nos espaços públicos vinculou-se à linha divina de Eneias de forma a construir uma memória política visando à afirmação da *auctoritas* de sua dinastia.

³² Para Lyz Gloyd (2017, p. 110), o *exemplum* era um recurso retórico didático que visava a modelar uma estética de comportamento guiado pela *uirtus* a partir de modelos do passado empregados como forma de incentivo ao jovem a sobrepular os seus predecessores e se unir a eles em um ranque de *exempla* para os jovens no futuro.

³³ Para um aprofundamento maior sobre o suicídio em Sêneca, consultar os trabalhos de Miriam T. Griffin (1976, p. 367-388) e James Ker (2009, p. 249-279).

³⁴ Esse subtópico é abordado por autores como Jean Brun (1966, p. 6) e Isabella Tardin Cardoso (1999, p. 229-256).

³⁵ Conferir também os trabalhos de A. F. P. Carço (2011) e C. A. André (1995, p. 593-615).

questão. É a concretude e inevitabilidade da morte que impõem prudência e perspicácia nas ações daqueles que estão imbuídos do poder de governar.

Além disso, o emprego desse *exemplum* poderia ser uma asseveração do filósofo direcionada a Nero, pertencendo à linhagem de Eneias, deveria ser um bom governante ao receber e conferir benefícios de acordo com a *uirtus* e com a *pietas*.³⁶ Assim, Sêneca estabelece uma estética política de atuação do *princeps* na qual o exercício do poder estabelece a concórdia necessária para o bem de Roma. Dito de outro modo, tal qual Eneias, sendo piedoso ao honrar os deuses e seu pai, se inscreve no rol daqueles que fundam Roma, o *princeps* alcança, na *pietas*, um bom governo para a *Res Publica*. Esse papel do *princeps* como aquele cujo governo confere coerência, recebendo dos deuses favores, não é exclusivo de *Sobre os benefícios*, mas se encontra até mesmo no tratado *Sobre a clemência* (FAVERSANI, 2007, p. 144).

Considerações finais

Apreciar as cidades a partir da complexa e rica imbricação entre a cultura material e a tradição literária é um convite para adentrar as representações de mundo a partir das quais cada sociedade forja seus valores, constrói sua identidade e adapta-se às demandas de suas instituições políticas.

A paisagem mortuária de Roma no período Júlio-Claudiano apresenta-se como *topos* utilizado em elaborações literárias nas quais as relações familiares aparecem como elemento articulador dos espaços públicos e as vinculações políticas da aristocracia romana. Assim, os edifícios mortuários e as narrativas literárias se engastam como formas de comunicação variadas e cambiantes cujos repertórios eram forjados e forjavam a memória romana sobre o seu passado e a projeção de um horizonte político para a posteridade. Não é sem razão que, ao se verificar os integrantes do Mausoléu Augustano, registra-se a presença de Popeia Sabina. Nero concede à sua consorte a celebração de sua memória, a *pietas* e, ainda, a incorpora no imponente mausoléu. Legitima e institucionaliza a sua união. Torna-a memorável, marcando, com isso, sua posição e disputa política na corte.

³⁶ É interessante verificar a forma como Virgílio elabora essa cena. Veja as palavras do poeta em Eneida II, 706-709: "*ergo age, care pater, cervici imponere nostrae; ipse subilo umeris, nec me labor iste gravabit. quo res cumque cadent, unum et commune periculum, una salus ambobus erit*". Tradução: "Venha então, caro pai, suba no meu pescoço, sobre os meus ombros, eu te susterei, nem será tal tarefa pesada para mim. Contudo, as coisas podem cair, nós dois temos em comum um perigo, uma salvação". Tanto o texto original quanto a tradução desse excerto foram extraídos da obra de H. Rushton Fairclough (1916, p. 340-343). Uma análise da divinização heroica da *domus Iulli* em termos apoteóticos da ancestralidade de Eneias encontra-se na tese de Doutaramento de Thiago Eustáquio Araújo da Mota (2015).

Nessa complexa arquitetura social e política, *De beneficiis* é um importante registro histórico para a compreensão do quadro político do governo de Nero, em particular, com respeito às relações entre o *Princeps*, a corte e a aristocracia romana. Tensões e conflitos, possibilidades e formas de governo, afirmação e reelaboração dos valores éticos e morais têm, na paisagem mortuária romana, um vasto campo de estudo para o qual os vestígios materiais e a tradição literária precisam se entrecruzar a fim de que novas perspectivas e pesquisas sobre as cidades e o mundo romano se postem como eixo temático em constante reflexão historiográfica.

Referências

Documentação textual

- AUGUSTUS. *Res Gestae Divi Augusti*. Translated by Frederick W. Shipley. London: Harvard: University Press, 1960.
- CONSOLATIO AD LIVIAM. Traducción de Tomás González Rolán y Pilar Saquero. Madrid: Ediciones Clasicas, 1993.
- SENECA. *De Clementia*: edited with text, translation, and commentary. Translated by Susanna Braund. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- SENECA. *Moral and Political Essays*: Cambridge texts in the history of political thought. Translated by M. Cooper. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- SENECA. *Sui benefici*. Traduzione a cura di Martino Menghi. Laterza: Laterza, 2019.
- SENECA. *The complete works of Lucius Annaeus Seneca*: On Benefits. Translated by Miriam T. Griffin, Brad D. Inwood. Chicago: The University of Chicago Press, 2011.
- SÊNECA. *Tratado sobre a clemência*. Introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes, 1990.
- SÉNÈQUE. *Des bienfaits*. Texte Établi et traduit par François Préchac. Paris: Les Belles Lettres, 1972. t. 1.
- STRABO. *Geography*: Books VIII-X. Translated by Horace Leonard Jones. Cambridge: Harvard University Press. 546p, 1928.
- VARRO. *De lingua Latina*. Translated by Wolfgang de Melo. Cambridge: Oxford University Press, 2019.
- VIRGIL. *Eclogues. Georgics. Aeneid*: Books 1-6. Translated by H. Rushton Fairclough. Cambridge: Harvard University Press, 1916.

Obras de apoio

- ANDRÉ, C. A. Trilhos de evasão: estratégia retórica de Sêneca, nas consolações ad Helviam e ad Polybium. *HVMANITAS*, v. XLVII, p. 593-615, 1995.
- APPADURAI, A. *La vida social de las cosas: perspectiva cultural de las mercancías*. México: Grijalbo, 1986.
- ARIÈS, P. *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.
- ARMISEN-MARCHETTI, M. *Sapientiae facies: Étude sur les images de Sénèque*. Paris: Les Belles Lettres, 1989.
- BILLOWS, R. The religious procession of the *Ara Pacis Augustae*: Augustus' *supplicatio* in 13 B.C. *Journal of Roman Archaeology*, v. 6., p. 80-92, 1993.
- BODEL, J. Death and social death in Ancient Rome. In: BODEL, J.; SCHEIDEL, W. (ed.) *On human bondage: after slavery and social death*. Malden: John Wiley & Sons, 2017, p. 81-108.
- BORSATO, D. *Il genere letterario della Consolatio nella letteratura latina in ambito pagano e cristiano, con un'analisi dell' Epistula ad Turasium*. Tesi Di Laurea (Filologia Moderna) – Scuola di Scienze Umane, Sociali e del Patrimonio Culturale, Università Degli Studi di Padova, Padova, 2017.
- BRÄNNSTEDT, L. Livia on the move. In: OSTENBERG, I; MALMBERG, S.; BJØRNEBYE, J. (ed.). *The moving city: processions, passages and promenades in Ancient Rome*. London: Bloomsbury, 2015, p. 37-46.
- BRUN, J. *Les Stoïciens*. Paris: PUF, 1966.
- BUTRICA, J. L. An edition of the Consolatio Ad Liviam - Henk Schoonhoven: the Pseudo-Ovidian Ad Liviam de Morte Drusi. *The Classical Review*, v. 43, n. 2, p. 265-267, 1993.
- CAMPBELL, V. L. *The tombs of Pompeii: organization, space, and society*. New York: Routledge, 2015.
- CARDOSO, I. T. Aspectos da liberdade em 'As Troianas' de Sêneca. *Letras Clássicas*, n. 3, p. 229-256, 1999.
- CAROÇO, A. F. P. '*Omnia humana caduca sunt*': a consolação a Márcia de Sêneca. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos) – Departamento de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.
- CARROLL, M. Archaeological and epigraphic evidence for infancy in the Roman World. In: CRAWFORD, S.; HADLEY, D. M.; SHEPHERD, G. (ed.). *The Archaeology of childhood*. Oxford: Oxford University Press, 2018b, p. 1-24.
- CARROLL, M. *Infancy and earliest childhood in the Roman world*. London: Oxford University Press, 2018a, p. 82-117.

- CARROLL, M. No part in earthly things: the death, burial and commemoration of newborn children and infants in Roman Italy. In: HARLOW, M.; LOVÉN, L. L. (ed.). *Families in the Roman and Late Antique World*. London: Continuum International, 2012, p. 41- 63.
- CARROLL, M. The mourning was very good'. Liberation and Liberality in Roman Funerary Commemoration. In: HOPE, V. M.; HUSKINSON, J. (ed.). *Memory and mourning: studies on Roman death*. Oxford: Oxbow Books, 2011, p. 126-149.
- CECAMORE, C. La base di Sorrento: le figure e lo spazio fra mito e storia. *Mitteilungen des Deutsches Archaeologischen Institut*, n. 111, p. 105-141, 2004.
- CHRYSAL, P. *How to be a Roman: a day in the life of a Roman family*. Stroud: Amberley Publishing, 2017.
- COSTA JÚNIOR, C. L. J. da. *Sêneca na Córsega: alguns apontamentos acerca do exílio na Consolatio Ad Helviam*. In: Encontro Regional de História da UFPR, XV, Curitiba, 2016. Anais... Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016.
- CRAWFORD, M. *Roman Republican Coinage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974. 2 v.
- CRAWFORD, S. *et al.* The archaeology of childhood: the birth and development of a discipline. In: CRAWFORD, S. (ed.). *The Archaeology of childhood*. Oxford: Oxford University Press, 2018, p. 1-45.
- DIXON, S. *The Roman family*. London: The John Hopkins University Press, 1992.
- DOUGLAS, M. *Como as instituições pensam*. São Paulo: Edusp, 2011.
- ECKARDT, H.; WILLIAMS, H. *Objects without a past? The use of Roman objects in early Anglo-Saxon graves*. In: WILLIAMS, H. (ed.). *Archaeologies of remembrance*. New York: Ka, 2003, p. 141-170.
- EDER, W. Augustus and the power of tradition. In: GALINSKY, K. (ed.) *The Cambridge companion to the Age of Augustus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 13-32.
- ELIAS, N. *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FAVERSANI, F. Tácito, Sêneca e a historiografia. In: JOLY, F. D. (ed.). *História e retórica: ensaios sobre a historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007, p. 137-146.
- FAVERSANI, F. Conceção de Estado em Sêneca. *Boletim do CPA*, n. 5/6, p. 223-234, 1998.
- GALINSKY, K. *Augustan culture: an interpretative introduction*. Princeton: Princeton University Press, 1996.
- GLOYN, L. *The ethics of the family in Seneca*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

- GONÇALVES, A. T. M. Uma análise da obra 'De Clementia' de Sêneca: a noção de virtude. *Phoênix*, n. 5, p. 51-74, 1999.
- GRAHAN, E.-J. Memory and materiality: re-embodying the Roman funeral. In: HOPE, V. M.; HUSKINSON, J (ed.). *Memory and mourning: studies on Roman death*. Oxford: Oxbow Books, 2011, p. 21-39.
- GRIFFIN, M. T. *Seneca: a philosopher in politics*. Oxford: Clarendon Press, 1976.
- GUARINELLO, N. L. Arqueologia e cultura material: um pequeno ensaio. In: BRUNO, M. C. O.; CERQUEIRA, F. V.; FUNARI, P. P. A. (org.). *Arqueologia do Mediterrâneo Antigo: estudos em homenagem a Haiganuch Sarian*. Campo Grande: Life, 2011, p. 161-168.
- GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (org.) *Festa, cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 969-975.
- GUARINELLO, N. L. Nero, o estoicismo e a historiografia romana. *Boletim do CPA*, n. 1, p. 53-61, 1996.
- GUARINELLO, N. L.; JOLY, G. Ética e ambiguidade no principado de Nero. In: BENOIT, H.; FUNARI, P. P. A. (org.). *Ética e política no Mundo Antigo*. São Paulo: Unicamp, 2001, p. 133-152.
- GUVEN, S. Displaying the 'Res Gestae' of Augustus: a monument of imperial image for all. *Journal of the Society of Architectural Historians*, v. 57, n. 1, p. 30-45, 1998.
- HOPE, V. M. Remembering Rome. Memory, funerary monuments and the Roman soldier. In: WILLIAMS, H. (ed.). *Archaeologies of remembrance*. New York: Kluwer Academic; Plenum Publishers, 2003, p. 113-140.
- HOPE, V. M. Remembering to mourn: personal mementos of the dead in Ancient Rome. In: HOPE, V. M.; HUSKINSON, J. (ed.). *Memory and mourning: studies on Roman death*. Oxford: Oxbow Books, 2011, p. 176-195.
- HOPKINS, K. *Conquistadores y esclavos*. Barcelona: Península, 1978.
- HUSKINSON, J. *Roman children's sarcophagi: their decoration and social significance*. Oxford: Clarendon Press Oxford, 2006.
- IONESCU, D.-T. The 'Ara Pacis Augustae': a symbol of the Augustan age in the Campus Martius in Rome. *Chaos e Kosmos*, v. XV, p. 1-26, 2014.
- JENKINS, T. *Keeping Their marbles*. Oxford: Oxford University Press, 2016
- JOHANSON, C. A Walk with the dead: a funerary cityscape of ancient Rome. In: RAWSON, B. A. (ed.). *Companion to families in the Greek and Roman worlds*. Oxford: Library of Congress, 2011, p. 408-430.

- JOLY, F. D.; FAVERSANI, F. Os Júlio-Cláudios. In: BRANDÃO, J. L.; OLIVEIRA, F. (org.). *História de Roma Antiga: Império e romanidade hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 77-95.
- JONES, S. L. *Ut architectura poesis: Horace, odes 4, and the Mausoleum of Augustus*. Austin: University of Texas at Austin, 2008.
- JOSHEL, S. R. Geographies of slave containment and movement. In: GEORGE, M. (ed.). *Roman slavery and Roman material culture*. Toronto: University of Toronto Press, 2013, p. 99-128.
- KALLIS, A. 'Framing' Romanità': the Celebrations for the Bimillenario Augusteo and the Augusteo - Ara Pacis Project. *Journal of Contemporary History*, v. 46, n. 4, p. 809-831, 2011.
- KER, J. *The deaths of Seneca*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- LENDON, J. E. *Empire of honour*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- LENTANO, M. De beneficiis. In: DAMSCHEN, G.; HEIL, A. (ed.). *Brill's Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014, p. 201-206.
- LOWRIE, M. *Writing, performance, and authority in Augustan Rome*. Oxford University Press, 2009.
- MARTINS, P. *Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Edusp, 2011.
- MOTA, T. E. A. *Deberi ad sidera tolli: as promessas de divinização na Eneida e a ancestralidade heroica dos Iulli*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- OMENA, L. M. de; FUNARI, P. P. A. Experiência social da morte em fragmento de sarcófago infantil: cortejo de cupidos dionisiacos em isola sacra - século II d.C. *Revista de Estudos de Cultura*, v. 7, n. 18, p. 77-92, 2021.
- OMENA, L. M. Dimensões espaciais entre morte, memória e experiências emocionais: um estudo de caso à luz do Mausoléu de Augusto. *História*, v. 39, p. 1-21, 2020.
- OMENA, L. M. Do cadáver aos rituais de sepultamento em *Isola Sacra*: dimensões simbólicas da morte (séculos II e III d.C.). In: SILVA, S. C.; ANTIQUEIRA, M. (org.). *Império Romano no Século III: crises, transformações e mutações*. São João de Meriti: Desalinho, p. 43-66, 2021.
- OMENA, L. M. Tecendo o fio entre memória e morte à luz do *tumulus* de Otávio Augusto. In: OMENA, L. M.; FUNARI, P. P. A. (org.). *Práticas funerárias no Mediterrâneo romano*. Jundiaí: Paco, 2016, p. 65-104.

- PATERSON, J. Friends in high places: the creation of the court of the Roman emperor. In: SPAWFORTH, A. J. S. (ed.). *The court and court society in ancient monarchies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- PÉREZ, L. L. *Estudio histórico-artístico del "Ara Pacis Augustae"*. Trabajo fin de grado (Letras) – Facultad de Letras y de la Educación, Universidad de La Rioja, Logroño, 2014.
- PORCARI, B. Campo Marzio settentrionale. Un nuovo monumento funerario da via Tomacelli. In: FILIPPI, F. (cur.). *Campo Marzio: nuove ricerche*. Atti del Seminario di Studi sul Campo Marzio. Roma: Quasar di Severino Tognon, 2015, p. 453-472.
- PRYZWANSKY, M. M. *Feminine imperial ideals in the Caesars of Suetonius*. Dissertation (Doctor in Classical Studies) – Department of Classical Studies, the Graduate School of Duke University, Duke University, Durham, 2008.
- RAWSON, B. (ed.). *The family in Ancient Rome: new perspectives*. London: Cornell University Press, 1987.
- RAWSON, B. Family life among the lower classes at Rome in the first two centuries of the Empire. *Classical Philology*, v. 61, p. 71-83, 1966.
- RAWSON, B. Roman concubinage and other *de facto* marriages. *Transactions of the American Philological Association*, v. 104, p. 279-305, 1974.
- RAWSON, B. The iconography of Roman childhood. In: RAWSON, B.; WEAVER, P. (ed.). *The Roman in family: status, sentiment, space*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 205-232.
- REHAK, P. *Imperium and cosmos: Augustus and the northern Campus Martius*. London: The University of Wisconsin Press, 2006.
- RICHARDSON Jr., L. *New topographical dictionary of Ancient Rome*. Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, 1992.
- ROLLER, M. B. *Constructing autocracy: aristocrats and emperors in Julio-Claudian Rome*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- SÁEZ, E. R. *El Mausoleo de Augusto el ocaso del esplendor convertido en ruina*. Madrid: Historia del Arte, 2016.
- SALLER, R. P. *Patronage under early Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- SCHEID, J. Augustus and Roman religion. In: GALINSKY, K. (ed.). *The Age of Augustus*. New York: Cambridge University Press, 2007a, p. 175-193.
- SHAYA, J. The public life of monuments: the 'summi viri' of the Forum of Augustus. *American Journal of Archaeology*, v. 117, n. 1, p. 83-110, 2013.
- SMITH, C. J. *The Roman clan: the gens from ancient ideology to modern anthropology*. Cambridge: The Cambridge University Press, 2006.

- STRAZZULLA, M. J. War and peace: housing the Ara Pacis in the Eternal City. *American Journal of Archaeology*, v. 113, n. 2, p. 1-10, 2009.
- STRONG, A. K. *Prostitutes and matrons in the Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- SUMI, G. S. *Ceremony and power: performing politics in Rome between Republic and Empire*. Michigan: The University of Michigan Press, 2008.
- TADIC-GILLOTEAUX, N. Sénèque face au suicide. *L'Antiquité Classique*, n. 32, p. 541-551, 1963.
- TILLEY, C. Phenomenological Approaches to Landscape Archaeology. In: DAVID, B.; THOMAS, J. (ed.). *Handbook of Landscape Archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2008, p. 271-276.
- TREGGIARI, S. *Roman marriage: 'Iusti Coniuges' from the time of Cicero to the time of Ulpian*. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- TUAN, Y.-F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.
- VIANSINO, G. Studia Annaeana II. *Vichiana*, n. 8, p. 168-196, 1979.
- WALLACE-HADRILL, A. *Suetonius*. London: Gerald Duckworth, 1993.
- WILLIAMS, H. Death warmed up. The agency of bodies and bones in early Anglo-Saxon cremation rites. *Journal of Material Culture*, v. 9, n. 3, p. 263-291, 2004.
- WILLIAMS, H. Firing the imagination: cremation in the museum. In: WILLIAMS, H.; GILES, M. (ed.). *Archaeologists and the dead: mortuary archaeology in contemporary society*. Oxford: Oxford University Press, p. 293-329, 2016.
- WINTERLING, A. *Aula Caesaris: Studien zur Institutionalisierung des römischen Kaiserhofes in der Zeit von Augustus bis Commodus (31, Chr.-192 Chr)*. München: Oldenbourg, 1999, p. 193-205.
- WOOLF, G. O poder e a difusão da escrita no Ocidente. In: BOWMAN, A. K.; WOOLF, G. (org.). *Cultura escrita e poder no Mundo Antigo*. São Paulo: Ática, 1998, p. 104-121.